

## Notas de Programa

**Marcelo Batuíra Losso Pedroso**

### George Händel – Zadok, the Priest (HWV 258); Concerto a due cori (HWV 332); 2 coros da Parte I do Messias (HWV 56)

Por muito tempo, dois grandes compositores barrocos ficaram relegados à sombra do endeuamento de Bach, para que somente no final do século XX fossem “revisitados” em todo seu esplendor, graças às suas composições operísticas. São eles: Vivaldi (1678-1741) e Händel. Bach, não nos legou uma única ópera, ao contrário desses grandes mestres do barroco. Händel, em especial, só era conhecido até então por um único oratório (o “*Messias*”), quando em verdade compôs 42 óperas italianas e 29 oratórios! Muito além do que Bach logrou compor...

Mas se há uma razão para que essa balança tenha pendido a favor de Bach, enquanto o deus imbatível da música, é por conta da crítica claramente germanofílica. Vivaldi, ficou de fora desse pódio por ser italiano e, Händel, por sua vez, viveu e compôs grande parte de sua obra na Inglaterra. Talvez a amostra selecionada para esse concerto sirva para se ter uma (pequena) ideia da grandiosidade deste compositor: George Friedrich Händel (1685- 1759). Que cada ouvinte faça seu próprio julgamento.

Händel nasceu na cidade alemã de Halle, em 1685, mesmo ano de nascimento de Bach, muito embora nunca tenham se encontrado em vida. Contudo, Bach e Händel dividem outra curiosidade em suas biografias: ambos foram operados de catarata pelo médico inglês John Taylor (Bach em 1750 e Händel em 1759) e ambos morreram em consequência dessa cirurgia mal feita. É claro que mais tarde descobriu-se que John Taylor não passava de um charlatão.

Se fosse pelo desejo de seu pai, Händel teria se tornado um advogado. Pressionado, o futuro compositor chegou a cursar a faculdade de direito, mas largou-a para dedicar-se à música, indo trabalhar na Ópera de Hamburgo, para o desgosto de seu velho pai. Na época, o Teatro de Ópera de Hamburgo era o mais importante centro para ópera italiana, o que motivou Händel a mudar-se para Florença e aperfeiçoar nesse maravilhoso mundo da ópera. Três anos depois de viver na Itália, em 1710, retorna para a Alemanha, indo trabalhar na corte de Hanover. No ano seguinte, Händel faz uma breve viagem a Londres, porém acaba por lá ficar e se estabelecer. Londres será seu lar por 48 anos, ou seja, até o fim de sua vida.

É em Londres que Händel se torna o grande compositor que hoje conhecemos: compõe cerca de 40 óperas italianas, funda e dirige sua própria companhia de ópera. Homem de múltiplos talentos, faz ensaios da orquestra em sua própria casa, aluga os palcos para os concertos, cria a própria publicidade para atrair público e ainda ficava no caixa vendendo os ingressos. Mas por volta de 1737 esse mundo iria ruir. Seja por conta da concorrência de outras companhias de ópera, pelo declínio do público pagante, ou pelos altos custos dos cantores italianos.

Händel então se volta para o oratório. Essa era a solução para suas dificuldades financeiras do momento. Era possível montar e produzir um oratório com menos custos que uma ópera. Escritos em língua

inglesa, os cantores solistas eram muito mais baratos que as estrelas líricas do canto italiano. Assim nasceram 29 oratórios, obras sublimes, verdadeiras joias do repertório barroco. O mesmo talento com o qual Händel maneja a ópera, ele escreve seus oratórios e hinos, em especial no trato da música para grandes coros. Quem escuta qualquer obra vocal de Händel não fica a ela indiferente. Há algo de indescritível em suas composições, onde o lírico caminha de mãos dadas com o grandioso.

*Zadok, the Priest* (HWV 258) é um belo exemplo desse dom mágico do compositor. É uma “*anthem*” tipicamente inglesa, escrita para a coroação do Rei George II, em 1727. “*Anthem*”, difícil de traduzir, deriva da palavra grega *antiphōna*, que significa “contra voz”; trata-se de uma composição coral com texto em língua inglesa, muito utilizada na Igreja Anglicana. Desenvolveu-se no século XVI, musicalmente análoga ao *moteto* utilizado na liturgia católica. Podemos traduzi-la como antífona, hino ou canto (religioso ou patriótico).

Händel escreveu quatro destas obras, mas esta é a mais bela, sem dúvida. Ela é executada em toda coroação de monarca britânico desde sua composição, reconhecida como um segundo hino inglês, tal é seu vigor patriótico. O texto em inglês é uma tradução do original latim “*Unxerunt Salomonem*”, extraído da bíblia, sobre a unção do Rei Salomão pelo sacerdote Zadok (Reis 1:38-40).

Boa parte da música concertante de Händel tem a função particular de servir de ligação entre duas obras vocais, como intervalos de oratórios ou odes. O *Concerto a due cori* HWV 332 não é diferente. Händel compôs três desses concertos para os oratórios escritos para o Covent Garden, em 1747/1748. São dois conjuntos que tocam um em resposta ao outro (por isso o nome “dois coros”). Händel utiliza-se dessa técnica com grande maestria, como fez em sua famosa *Música para Fogos de Artifícios*.

Este concerto em especial, dotado de sete partes, está vinculado ao oratório *Joshua*, de 1748. Sua abertura, ao modo francês, é exatamente a versão orquestral retirada do coro “*And the glory of the Lord*”, do oratório “*Messias*”, onde os instrumentos de sopro fazem a parte cantada. O *Largo* magistral desse concerto foi retirado da sua ópera “*Ottone, Re di Germania*” e as duas partes seguintes derivam de sua ópera “*Sémélé*”. Por fim, o minueto final é parte de uma ária de sua outra ópera “*Lotario*”

Parte final do concerto é a cereja do bolo: dois coros extraídos da primeira parte do gigantesco oratório “*Messias*” (HWV 56). Dividido em três partes, esse oratório completo possui mais de 2h30 de execução, mas é uma obra de tirar o fôlego. O sucesso do *Messias*, em grande parte está no libreto. Charles Jennens, um rico comerciante, professor e editor das peças de Shakespeare, sempre foi um admirador das óperas de Händel. Em 1730 os dois se encontraram e uma profícua relação surgiu entre eles: Jennens escreveu o libreto de seis oratórios para o compositor.

A diferença do libreto do *Messias*, contudo, é que este foi escrito como se fosse uma ópera e a história de Jesus não é narrada linearmente, mas teologicamente. Os textos foram escolhidos e arranjados por Jennens em formas operísticas: recitativo, ária, coros e peças para orquestra solo. Suas três partes funcionam como atos de uma ópera. Händel iniciou a escrita do *Messias*, no dia 22 de agosto de 1741 e a terminou 24 dias depois! São 260 páginas de oratório repletas desse poder de imaginação, riqueza de ideias musicais e profundidade de inspiração que nos surpreende até hoje. A primeira execução se deu há 280 anos atrás: no dia 13 de abril de 1742, para celebrar a Páscoa.

*“And the Glory of the Lord”* é o primeiro coro da parte inicial, anunciando a revelação da glória de Deus. O breve texto desse coral foi extraído de Isaías (40:5). O efeito criado por Händel é de uma rica tessitura entre as vozes que lentamente vai crescendo e tornando-se densa. *“For unto us a child is born”* encerra a cena 3 da primeira parte nos contando o nascimento de Jesus. Essencialmente escrita numa grande fuga, o coro se inicia com os sopranos, depois os tenores como uma contra-voz. Händel se utiliza da técnica de melismas vocais (quando uma só sílaba é sustentada em muitas notas) em cima da palavra “born”, até que as vozes se unem nas palavras “counselor” e “wonderful”, criando em senso de triunfo com o anúncio do nascimento.

### **John Rutter – Gloria**

Mais conhecido por suas canções natalinas, o compositor inglês John Milford Rutter (1945-) tem ganho certa notoriedade pelas suas composições para coral junto ao público. E justamente seu *“Gloria”*, composto em 1974, é considerado sua mais ambiciosa obra. Tal como uma sinfonia, Rutter a compôs em três movimentos no clássico estilo *rápido-lento-rápido*.

*“Gloria”* tem influência do canto gregoriano e da obra homônima de Francis Poulanc (1899-1963), de quem o compositor é grande admirador. Por outro lado, o tratamento que dá aos metais nos lembra muito uma cantata de outro compositor inglês, a *“Festa de Belshazzar”*, de William Walton (1902-1983).

O texto do primeiro movimento é o *“Gloria in excelsis Deo”*, uma canção angelical extraída da Anunciação dos Pastores, narrada no evangelho de Lucas. Metais e vozes se alternam frequentemente em forte ritmo. O segundo movimento, *“Domine Deo”* fala de Jesus como o cordeiro de Deus, evocando o perdão e a oração. Por fim, o terceiro movimento encerra a obra com o *“Quoniam tu solus sanctus”* (só o Senhor é sagrado), num *vivace* muito rítmico que leva a um clímax e inclui a famosa fuga *“Cum santo spiritu”*.

John Rutter tornou-se conhecido também por compor o hino *“This is the day”*, especialmente para o casamento do Príncipe William com Catherine Middleton, em 2011.

**\*É doutor em Direito pela USP e pós graduado pela The Anderson School of Management da UCLA – Los Angeles e diretor do Jornal de Piracicaba.**